

*Título* . O Pensamento e a Obra de Teófilo Braga

© Universidade Católica Editora . Porto  
Rua de Diogo Botelho, 1327  
4169-005 Porto, Portugal . T. +351 226196200  
E. ucec@porto.ucp.pt . www.ucceditora.ucp.pt

*Coleção* . Biblioteca Humanística e Teológica  
*Coordenação gráfica da coleção* . Olinda Martins  
*Capa* . Olinda Martins  
*Imagem da capa* . Teófilo Braga, Presidente do Governo Provisório, retratado em sua casa, 1910 – www.alamy.com  
*Paginação e revisão do texto* . Mário Azevedo

*Data da edição* . maio de 2019  
*Tiragem* . 200 exemplares  
*Execução gráfica* . Papelmunde  
*ISBN* . 978-989-8835-64-2  
*Depósito legal* . 455960/19

*Edição patrocinada pelo Fundo Ângelo Alves,  
instituída pela Irmandade dos Clérigos*

Apresentação . 13  
*António Martins da Costa* . *Arnaldo de Pinho*

#### CONFERÊNCIAS

Certezas e incertezas de uma geração (o tempo de Teófilo Braga)  
*António M. B. Machado Pires* . 17

Teófilo Braga: um positivista republicano  
*Amadeu Carvalho Homem* . 35

A reflexão e a teorização sociológica de Teófilo Braga  
*José Esteves Pereira* . 43

O ideário filosófico de Teófilo Braga  
*António Braz Teixeira* . 61

#### SECÇÃO A – PENSAMENTO FILOSÓFICO

Raul Proença e o positivismo (1902-1912)  
*António Pedro Mesquita* . 85

Tracços gerais da Filosofia Positiva: de Augusto Comte e Teófilo Braga  
*Celeste Natário* . 95

A filosofia da religião no pensamento de Teófilo Braga: um «sincretismo»  
histórico-simbólico  
*Afonso Rocha* . 103

Os mitos cristãos ou os limites do positivismo em Teófilo Braga  
*Tacis Araújo Amador da Costa* . 135

A ética na obra de Teófilo Braga <i>Jorge Teixeira da Cunha</i>	· 151	Nota sobre a filomítila na Geração de 70 <i>Rodrigo Sobral Cunha</i>	· 337
A estética em Teófilo Braga <i>Leonel Ribeiro dos Santos</i>	· 163	Teófilo Braga perante Cunha Seixas <i>Jesú Pinharanda Gomes</i>	· 355
Teófilo, Antero e Faria e Maia: subsídios para o estudo das suas relações <i>Manuel Cândido Pimentel</i>	· 177	SECÇÃO B – LITERATURA	
Teófilo Braga: o fundador do racionalismo português do século XX <i>Miguel Real</i>	· 189	O espírito de Teófilo Braga <i>António Cândido Franco</i>	· 385
Teófilo Braga e os periódicos na difusão do positivismo em Portugal <i>Manuel Gama</i>	· 205	Entre o Ultrarromantismo e os poetas da «Escola Nova» <i>Fernando Guimarães</i>	· 391
A filosofia da história em Teófilo Braga <i>Maria Manuel Brito Martins</i>	· 217	Teófilo Braga e o século XVIII <i>Maria Luísa Malato Borralho</i>	· 399
O pensamento de Teófilo Braga no contexto do positivismo luso-brasileiro <i>Ricardo Véliz Rodríguez</i>	· 251	<i>Uma fé firme e profunda</i> : Teófilo Braga e a História da Literatura Portuguesa Medieval <i>Filipe Alves Moreira</i>	· 423
Incidências positivas em Leonardo Coimbra e Teófilo Braga <i>António Martins da Costa</i>	· 261	História da literatura em Teófilo Braga: Romantismo, gestão de informação e estratégias de luta ideológica <i>Pedro Vilas Boas Tavares</i>	· 433
Direito, símbolo e poesia: Teófilo Braga <i>Paulo Ferreira da Cunha</i>	· 281	Teófilo Braga na intimidade <i>Maria de Lourdes Sirgado Ganho</i>	· 455
Manchas de negativismo no positivismo português (a propósito de Teófilo Braga e Camilo Castelo Branco) <i>Carlos Mota Cardoso · Isabel Ponce de Leão</i>	· 297	A teoria da história literária de Fidelino de Figueiredo e a reacção contra a teoria literária romântico-positivista de Teófilo Braga <i>José Cândido de Oliveira Martins</i>	· 467
Teófilo e Bruno: uma relação exemplar <i>Joaquim Domingues</i>	· 309	Teófilo Braga e Bocage: um convívio prolongado <i>Daniel Pires</i>	· 481
Teófilo Braga e a filosofia portuguesa <i>Renato Epifânio</i>	· 321	Teófilo Braga e a crítica literária em Portugal no século XIX <i>Álvoro Manuel Machado</i>	· 489
O Direito no pensamento de Teófilo Braga e Alberto Salles <i>Ana Paula Loureiro de Sousa</i>	· 329	Em torno da recepção da <i>Visão dos Tempos</i> <i>Maria Tereza Teófilo da Costa</i>	· 501

António Cândido Franco

Universidade de Évora

### *O espírito de Teófilo Braga*

Desde a publicação da primeira versão da *História da Literatura Portuguesa* (1870), e sem sequer entrar em linha de conta com alguns materiais anteriores ou imediatamente posteriores, penso por exemplo nos estudos etnográficos sobre a poesia popular ainda da década de sessenta, que o pensamento de Teófilo se manifestou, pelo menos naquela parcela que mais conhecida ficou do público, em virtude duma receção polemicamente adversa ou apaixonadamente partidária, e que nem sequer sempre corresponde ao espírito profundo, em extensão, de Teófilo.

Que pensamento era esse? A teoria do génio da raça, que vinha de Herder, passara por F. Schlegel e pelos autores que colaboraram no *Athenaeum*, que a elaboraram no quadro da antinomia entre o mundo clássico e as fontes da tradição popular, e que veio encontrar em Teófilo Braga um recetor atento, que com ela inicia, em língua portuguesa, estudos sobre o romanceiro popular, a tradição oral, o culto religioso, o direito consuetudinário, os forais medievais e tudo o que escapava na expressão da cultura à exclusiva influência da ação erudita.

Talvez não se tenha ainda valorizado, e nunca se possa por inteiro fazê-lo atendendo à largueza, o trabalho que resultou desta intenção e que representou entre nós, para não dizer mais, depois das magras mas pioneiras incursões de Almeida Garrett, o estabelecimento duma etnografia cuidada e sistemática, que nunca mais deixou de estudar de forma organizada até Jorge Dias e sua antropologia, com discípulos ainda vivos e atuantes, aquilo que se chama de cultura popular, oral e tradicional.

Seja como for, a teoria do génio da raça, segundo a qual cada povo é uma entidade orgânica diferenciada por um espírito essencial, que por sua vez é insito às manifestações originais desse povo, extravasou em Teófilo para além das fronteiras da descrição das manifestações da

cultura tradicional, própria da etnografia, e encontrou um campo de superior – e superior pelo volume – afirmação na *História da Literatura Portuguesa*, que tendo sido publicada pela primeira vez em 1870, logo veio a ter uma primeira sùmula reformulada em 1875 e uma segunda em 1885, para chegar a uma refundição final de 1909-1918, em quatro volumes, ficando ainda assim a faltar um quinto e último.

Estes milhares de páginas que constituem em conjunto a História da Literatura de Teófilo, e que fundaram ou consolidaram entre nós a matéria, num ciclo que durará pelo menos até à *História da Literatura Portuguesa* de Óscar Lopes e António José Saraiva, cuja primeira edição é de 1955 e a derradeira de 1997, têm na base uma convicção étnica – o fenómeno literário é o produto dumaa raça diferenciada e dumaa tradição organizada em nacionalidade que fixa pela hereditariedade os caracteres antropológicos da raça diferenciada – e têm na construção a assimilação progressiva dum particularismo – as escolas, as correntes, as obras e os autores serão tão mais elevados e significativos quanto expressem e envolvam o carácter étnico dumaa nacionalidade.

A literatura era para Teófilo um elemento cultural representativo, cuja função era o alargamento dinâmico dum fundo étnico original ou, querendo, a sua inserção no contínuo temporal histórico, assegurando permanência e expansão.

Foi a esta convicção étnica – com ela gizou mesmo os *prolegómenos* da última refundição de 1909-1918 da *História da Literatura Portuguesa* – que se chamou, bem ou mal, o nacionalismo de Teófilo Braga. Por causa dele a sua teorização ou filosofia da História – a bem dizer em Teófilo a *História da Literatura* é uma História geral – encontrou, ao longo de sucessivas gerações, adversários ferozes e partidários apaixonados.

Logo no momento da publicação da primeira versão, na década de setenta do século XIX, Oliveira Martins e Antero de Quental, em nome das fontes neoclássicas da cultura europeia, e especialmente da cultura ibérica, permeada de elementos clássicos, contestaram virulentamente os alicerces étnicos da teorização teofilina, toda desenvolvida, pelo menos na marcação dumaa originalidade específica, à margem da influência romana, primeiro com o etnismo diferenciado dos Lusitanos e depois com a riqueza da síntese moçárabe.

Foi com certeza pelo mesmo tópico, mas por razões contrárias, *ambas com a certeza da totalidade nua e operária da neorromantismo e*

depois a do integralismo Lusitano se reconheceram pela voz de Alberto d'Oliveira e de António Sardinha na teorização de Teófilo, ou naquilo que nesta havia de apelo à revivescência da originalidade étnica ou de necessidade de conhecer e de interpretar, com vistas a nova atualização, as tradições do povo.

Julgo que é hoje impossível compreendermos a evolução da literatura portuguesa do final do século XIX e das duas primeiras décadas do século XX sem em paralelo entendermos a filosofia da História que Teófilo montou e desenvolveu na *História da Literatura Portuguesa*, o que basta para dar a medida da importância desta e perceber o papel de mentor que Teófilo teve, ou foi tendo, ao longo de várias gerações de criadores.

Basta citar um dos períodos dos *prolegómenos* da recapitulação de 1909 – *na situação presente, a missão da arte, da literatura, da política e mesmo da ciência consiste em revigorar Portugal, restituindo-lhe a consciência do seu lususmo* – para se perceber o que se joga, e tanto é, na relação dos propósitos da literatura finissecular portuguesa, e mesmo do modernismo, se o dissociarmos das vanguardas, com a teorização histórica de Teófilo.

De qualquer modo, atendendo a vários dos desenvolvimentos da questão étnica em Teófilo, e mesmo aceitando como reais os seus suportes, o que não é líquido, sobretudo no que respeita à realidade do *ethos* Lusitano, parece-me que nem os adversários nem os partidários de Teófilo entenderam em extensão o seu espírito, antes se limitando a manobrar imagens parcelares do seu pensamento, consoante o ponto de vista em que se situavam e as intenções próprias que desenvolviam.

Nesse sentido as críticas inflamadas de Oliveira Martins e Antero de Quental, e depois as não menos negativas de Castelo Branco Chaves, nos primeiros em nome das fontes neoclássicas da cultura ibérica, no segundo visando a afirmação dum cosmopolitismo europeu sem fronteiras, herdeiro afinal da civilização clássica ou dos seus avatares iluministas, parecem ter deliberadamente olvidado que um dos pontos cruciais da teorização étnica do autor da *História da Literatura Portuguesa*, e do moçarabismo, cuja realidade já Herculano autonomizara, estando ainda por atualizar a relação deste com Teófilo, só se justifica pelo hibridismo cultural de fontes populares e eruditas, dito doutro modo, pelo cruzamento de elementos arabizantes e neolatinos.

De igual modo, o moçarabismo, tão capital na percepção dos elementos estáticos da formação do fenómeno literário português, devia ter servido de travão aos apaixonados defensores reacionários de Teófilo – ensaístas como Alberto d'Oliveira, Agostinho de Campos, António Sardinha ou Hipólito Raposo – e às suas pretensões de o reabilitar como nacionalista, e até como *mestre da contrarrevolução*, pois o moçarabismo, nó cego da teorização étnica de Teófilo, não é uma especificidade da nacionalidade portuguesa mas um fator cultural transacional, e por isso *transpatriótico*, respeitante a todas as nacionalidades Ibéricas e com equivalentes idênticos em outros pontos do mundo islâmico onde sobreviveram, e muitas foram, bolsas de cultura cristã.

Muito se falou pois do *nacionalismo* de Teófilo, quer através de adversários, quer por meio de partidários, esquecendo porém que a principal base étnica da sua teorização – ou pelo menos uma das duas principais – não era nacional, o que levou dum lado e doutro a alguns escusados equívocos e sobretudo a esquecimentos capitais, antes de mais o *ibertismo* que Teófilo, na linha aberta pelo republicanismo federal de Henriques Nogueira, advogou – leiam-se as páginas finais do livro *História das Ideias Republicanas em Portugal* (1880) – e sem o qual o *espírito* do autor, na complexidade que lhe foi própria, e até no propósito univ ersalista de quem bem conhecia que o ideal da Humanidade se sobrepunha ao de cada nação, cuja finalidade última era concorrer para ele, fica muito longe de ser entendido.

O interesse dum obra escrita não está na verdade que apresenta; também o critério que elegemos para a abordar não pode ser o da possibilidade probatória dessa verdade. O valor de qualquer obra escrita reside no contributo que dá para o conhecimento da realidade, alargando-a a aspetos novos, embora nunca definitivos, nem acabados, e no revestimento formal com que se apresenta ao leitor.

A obra de Teófilo, pelo que tem de criador, pelo poder inovador que mostra em matérias onde antes dela pouco existia, dificilmente pode ser encarada como verdadeira; também no domínio da forma verbal, do léxico e da sintaxe, essa obra, até pela rapidez, inevitavelmente descuidada, com que foi passada a letra impressa, se mostra inferior a outras, como a de Antero e a de Martins, dois estilistas primorosos da prosa portuguesa de ideias, com os quais Teófilo, nesse domínio particular, sai

Em contrapartida, a teorização de Teófilo, pelo gigantesco volume de elementos que carceu, pela robusto edifício que com eles construiu, pela capacidade que apresentou de diversificar e de reunir, pela dependência que estabeleceu entre as nacionalidades e o ideal de Humanidade, superior a qualquer outro, deu um contributo único para o conhecimento do fenómeno literário português – basta por exemplo substituir aquilo que ele chama *fatores estáticos* por *contexto* para se perceber o valor das suas observações – e da história portuguesa em geral, cuja fundamentação não parece ainda ter sofrido contestação séria, a não ser de forma parcelar, não afetando afinal aquilo que nela é o seu núcleo mais resistente e característico.

Teófilo é hoje, aceitamos, um autor que não sobreviveu na letra, sinal de outros mais artistas do que ele, em primeiro lugar o Antero crítico, senhor dum estilo polido e sem jaça; ao invés, o *espírito* de Teófilo, na complexa teia de ideias que colocou em movimento, ainda quando de duvidosa clareza expressiva, está vivo, vivíssimo até, pois essas representações fazem hoje parte, como nemhumas outras, nem as de Antero, mais *datadas*, do estrato da reflexão onde se decidem, na coalescência de singularidade e univ ersalidade, as questões decisivas da cultura de língua portuguesa.